



e-mail monaga@correioweb.com.br

Mal no social e no econômico

ECONOMIA - BRASIL

O governo Lula começou tendo que mostrar ao mercado que as desconfianças sobre uma possível atitude populista e irresponsável na condução da economia — que provocaram queda nas bolsas e disparada no dólar — não passavam de especulação e que não havia risco de o país dar calote no pagamento da dívida, por exemplo.

As atitudes do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e da maior parte da equipe econômica foram fundamentais para isso. Demonstraram firmeza na defesa da austeridade fiscal e da estabilidade da economia.

Durante o primeiro trimestre, o desempenho da equipe econômica foi muito elogiado, sobrando para a área social as críticas. De fato, a saúde, a educação e a segurança não melhoraram. Nem mesmo o combate à fome apresentou bons resultados. Mas a economia, melhorou?

Passados quase seis meses de governo, temos desemprego de mais de 20%, renda despencando, consumo e atividade industrial caindo, carga tributária crescendo e esperança em baixa. Os elogios à equipe econômica talvez não tenham sido bem compreendidos. Os aplausos eram para uma atitude emergencial que visava o resgate da confiança do mercado. Depois disso, esperava-se que as promessas de crescimento saíssem do papel.

Mas parece que os responsáveis pela condução da economia entenderam que o arrocho era bem-vindo e resolveram manter uma política duramente criticada por eles durante mais de cinco anos. Talvez o fracasso tenha lhes subido à cabeça. Afinal, entender como boa a situação de um país que caminha para a recessão e achar que é a trilha correta parece coisa de quem não quer enxergar a realidade. Ou de quem se contenta com o dólar em R\$ 3 e o risco-país abaixo de 700 pontos, ainda que acima do da Colômbia.

A economia do país está fracassando diante do desafio de crescer. A área social vai mal. E a econômica, também. Fala-se em crescimento a partir de 2004, mas muita gente não sabe como passar mais seis meses sem renda. E sem uma economia ativa, é impossível desenvolver a área social. Só assim seria viável pensar no aumento de arrecadação sem truques e sem sufocar mais a economia formal.

É preciso começar a se mexer para resolver os gargalos da infra-estrutura, é preciso definir prioridades de investimento dos recursos públicos. Do contrário, vamos continuar a falar sobre a possibilidade de queda nos juros, a ver o governo bater cabeça sobre o rumo da economia e a registrar índices sociais e econômicos que envergonha qualquer governante. Principalmente um que se elegeu prometendo milhões de empregos e mais dignidade ao povo.

MARCELO ONAGA É EDITOR DE ECONOMIA